

ilustrada

SYLVIA COLOMBO
DE SÃO PAULO

O prêmio Nobel peruano Mario Vargas Llosa, que abre a temporada do Fronteiras do Pensamento São Paulo em 9/5, não descansa. Comemorou 80 anos com uma badalada festa, lançou um novo romance ("Cinco Esquinas", que sai aqui no segundo semestre), e continua atuando na política por meio de seus apoios e opiniões convictas.

"Estou cada vez mais pragmático e sempre contra os populismos", diz. Por conta disso, apoia o economista Pedro Pablo Kuczynski no segundo turno da eleição peruana. O candidato enfrenta Keiko Fujimori, filha do ex-ditador Alberto Fujimori (1990-2000), contra quem o próprio Vargas Llosa disputou uma eleição presidencial, em 1990.

Em entrevista à **Folha**, por telefone, de Washington, onde dá aulas esporadicamente e foi homenageado, nesta semana, na Library of Congress, falou da crise brasileira.

É a favor do impeachment de Dilma Rousseff caso se confirme seu envolvimento com os casos de corrupção, e crê que tanto a sociedade brasileira quanto a opinião pública internacional "endeusaram muito Lula, transformando-o num Messias".

E que é justamente esse tipo de comportamento da sociedade que cria os problemas políticos da América Latina.

» LEIA MAIS na pág. C4



O peruano Mario Vargas Llosa fala com a imprensa em Washington, na segunda-feira

o antipopulista

Nobel peruano que abre o evento Fronteiras do Pensamento no mês que vem, **Mario Vargas Llosa** comenta crise política brasileira e fala de seu último livro, 'Cinco Esquinas'



VENHA BRINDAR COM A GENTE O LANÇAMENTO DA NOVA COLEÇÃO
MÃES 2016 | 16 DE ABRIL | A PARTIR DAS 10H, EM TODAS AS LOJAS

www.montecarlo.com.br



MONTE CARLO

EST. 1981

‘Autocrítica do Brasil é necessária’, diz Llosa

Para escritor e Nobel peruano, país passou por um populismo muito tolerante com a corrupção nos últimos anos

Autor analisa momento brasileiro e fala das lições que aprendeu quando se candidatou à presidência, em 1990

DE SÃO PAULO

Leia a entrevista de Mario Vargas Llosa à **Folha**. (sc)



Folha - Qual sua opinião sobre a votação acima do esperado obtida pela candidata Keiko Fujimori, no primeiro turno da eleição peruana, no último domingo (10)?

Mario Vargas Llosa - O fujimorismo tem apoio de um importante setor da sociedade peruana, isso é fato, um apoio que vai da direita à esquerda, de pessoas que se sentem protegidas por esse tipo de liderança.

Mas creio que, se Keiko vencer essa eleição (o segundo turno será em 5/6), a polarização no Peru aumentará e se agravará. A gestão de Fujimori foi uma das piores ditaduras que o Peru teve. Uma das mais sanguinárias e mais corruptas.

Seria uma imensa pena que todo o esforço que se fez para reconstruir a democracia, para julgar os responsáveis pela repressão e condena-los, sofresse tamanho retrocesso. O fato de ela ter tido uma votação maior do que a esperada me assusta. Mas confio que a oposição se una em torno da candidatura de Pedro Pablo Kuczynski.

Seu novo romance, “Cinco Esquinas”, trata, justamente, da fase final do fujimorismo. Como a imprensa sensaciona-

lista foi utilizada pelo regime?

De uma maneira muito hábil e cruel. O governo comprou e financiou essa imprensa marrom e fazia com que se publicassem matérias que destruíam a reputação dos críticos ao governo. Todo tipo de escândalo foi utilizado ou inventado, de tom sexual, familiar, financeiro. Vladimiro Montesinos (homem-forte do regime e chefe do serviço de inteligência peruano) encomendava pessoalmente as pautas, dava títulos para as matérias.

Quais os efeitos disso no jornalismo peruano de hoje?

Como outras instituições, o jornalismo foi muito danificado e não se recuperou. Muitos profissionais foram presos ou obrigados a exilar-se. Nunca mais voltamos a ter uma imprensa vigorosa.

Por que localizar o romance no bairro de Cinco Esquinas, hoje um local degradado da cidade de Lima?

É um bairro que marcou meu início no jornalismo, porque naquela época, quando eu tinha 16 anos e trabalhava no “La Crónica”, Cinco Esquinas era um local boêmio, onde se escutava música criolla, onde se buscavam aventuras.

A ideia de um local numa cidade que possui cinco esquinas também parece ser parte de um jogo, por ser muito inusual.

Sim. Porque em geral isso não existe. É uma aberração que temos em Lima e que sugere um labirinto ao estilo de Jorge Luis Borges (1899-1986). É uma ideia de muitos caminhos que se entrecru-



Vargas Llosa durante homenagem em Washington no dia 11

zam e sedutora para imaginar um romance.

Em seu livro “El Pez en el Agua” (1993), que conta entre outras coisas os bastidores da sua campanha eleitoral de 1990, você falava do perigo dos populismos, usando o exemplo da gestão do então presidente Alan García. Desde então, a América Latina mudou muito?

Nós infelizmente não nos curamos do populismo. Ele segue fazendo estragos em vários países. Hoje temos o exemplo extremo da Venezuela, onde o populismo vem

se mostrando em sua forma mais atroz.

Qual foi a principal lição de ter sido candidato?

A de que a política é algo muito diferente do que pensamos quando estamos do lado de fora dela. Há uma diferença em viver a política na pele, nas ruas. Hoje sou uma pessoa muito mais pragmática com relação a minhas ideias e desconfio de abordagens demasiado intelectuais, demasiado teóricas.

Nesse sentido, o que acha da atual crise brasileira?

O que o Brasil está vivendo é algo muito interessante. Vimos aí nos últimos anos um populismo que foi muito tolerante com a corrupção. Mas também vimos muitos protestos e indignação saírem a luz, de forma inédita e espontânea. Isso é muito positivo. A autocrítica que o Brasil está fazendo é terrível, mas muito necessária e eu espero que seja imitada por outros países. Sou otimista com o futuro, vejo um Brasil mais aperfeiçoado, com uma democracia melhor depois que isso passar.

E o que acha que deu errado? Porque até pouco tempo atrás estavam todos elogiando o modelo brasileiro, as mudanças sociais, a melhora na economia.

Creio que houve um en-deusamento do PT e de Lula, que virou um Messias, foi santificado pela população e pela opinião pública internacional. E agora estamos vendo que não era bem assim. E não tem mesmo de ser assim. Com o que temos de nos preocupar é em melhorar nossas instituições, em aperfeiçoar nossas democracias. Não em endeusar líderes.

O sr. é a favor do impeachment?

Se ocorrer pelas vias legais, se houver um julgamento justo, sim. Não conheço os aspectos técnicos, mas creio que, se a lei prevê o impeachment no caso de um governo ineficaz ou corrupto, e se esse governo se confirmar corrupto após ser julgado de uma forma justa, creio que essa lei tem de ser usada. E mais, tem de ser também acatada, porque isso é a democracia.

FRONTEIRAS DO PENSAMENTO

Em sua 10ª edição, o evento reúne oito participantes

AGENDA

9.MAI - 20h30:

MARIO VARGAS LLOSA

Escritor peruano vencedor do Nobel de Literatura em 2010

10.JUN - 20h30: MARY ROBINSON

Diplomata irlandesa líder na área de sustentabilidade

29.JUN - 20h30:

FRANCIS FUKUYAMA

Cientista político conservador, professor de Stanford

31.AGO - 20h30: VALTER HUGO MÃE

Escritor, artista plástico e editor português nascido em Angola

14.SET - 20h30:

ELISABETH ROUDINESCO

Historiadora e psicanalista francesa graduada pela Sorbonne

5.OUT - 20h30: PETER SLOTERDIJK

Filósofo alemão autor de “Crítica da Razão Cínica” (1983)

26.OUT - 20h30: JAN MCEWAN

Escritor inglês, vencedor do Prêmio Booker em 1998

23.NOV - 20h30: JAN GEHL

Arquiteto dinamarquês autor de “Cidades para Pessoas” (2010)

ONDE Teatro Cetip/Instituto Tomie Ohtake (r. Coropés, 88, Pinheiros, São Paulo)

MAIS INFORMAÇÕES (11)

4020-2050 (fronteiras.com)

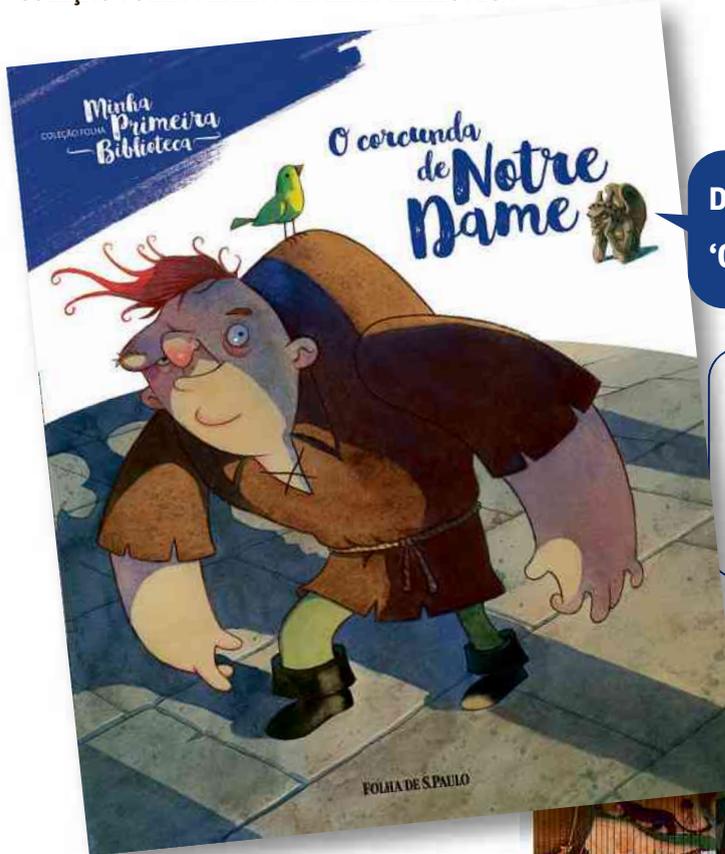
QUANTO toda a temporada:

R\$ 2.886 (plateia) ou

R\$ 2.196 (balcão). Ingressos não são vendidos individualmente. Vendas no Tickets for Fun, bilheteria do teatro e Livraria da Vila (50% de desconto para cartão fidelidade)

50% DESCONTO: Inscrições em versões anteriores, assinantes da **Folha** ou da revista “piauí” e beneficiários de meia-entrada

COLEÇÃO FOLHA MINHA PRIMEIRA BIBLIOTECA



Dia 24/4 - Volume 10

‘O Corcunda de Notre-Dame’

C/ANAS DE VENDA

> Livrarias e bancas

> folha.com.br/primeira_biblioteca

3224-3090

(Grande SP)

0800 775 8080

(outros locais)

COLEÇÃO COMPLETA

28 volumes

Assinantes **Folha** (edição impressa ou digital) e **UOL**

> R\$ 453,60 (na compra de toda a coleção, o assinante ganha quatro livros grátis)

Leitores em geral

> R\$ 510,30

COLEÇÃO COMPLETA + CAIXA ARMAZENADORA

Assinantes **Folha** e **UOL**

> R\$ 478,50

Leitores em geral

> R\$ 535,20

LOTE AVULSO

4 lotes, com 7 livros cada

Assinantes **Folha** e **UOL**

> R\$ 113,40 (na compra dos lotes avulsos o assinante ganha 1 livro grátis por lote)

Leitores em geral

> R\$ 127,60

VOLUMES INDIVIDUAIS

Assinantes **Folha** e **UOL**

e leitores em geral

> R\$18,90/cada (livros 1 e 2 juntos por R\$18,90)*

> **Caixa:** R\$ 24,90**

VALOR DO FRETE

1) Coleção completa ou lotes

> SP, RJ, MG e PR: gratuito

> Demais estados: valores disponíveis no site

2) Livros individuais e caixa

> Valores do frete disponíveis no site ou por telefone

FORMA DE PAGAMENTO

1) Coleção completa (com ou sem a caixa)

> Cartão de crédito: à vista ou parcelado em até 10 vezes

> Débito em conta ou boleto: somente à vista

2) Lote avulso

> Cartão de crédito: à vista ou parcelado em 2 vezes

> Débito em conta ou boleto: somente à vista

3) Volumes individuais e caixa

> Cartão de crédito, débito em conta ou boleto: somente à vista

‘O Corcunda de Notre Dame’ faz de cathedral de Paris personagem

Livro que é volume 10 da Coleção Folha foi escrito para promover conservação da igreja

JULIANA CALDERARI

COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

No domingo (24/4), a Coleção Folha Minha Primeira Biblioteca lançará a adaptação do clássico de Victor Hugo, “O Corcunda de Notre Dame” (R\$ 18,90).

A obra é um romance histórico, cujo objetivo inicial era conscientizar as pessoas para a necessidade de se conservar a cathedral. Foi lançada com o título “Notre Dame de Paris, 1482”.

Angela Müller de Toledo, autora da adaptação, conta como o romance deu força à ideia da reforma do prédio, que teve início em 1845. “A arquitetura, segundo ele, é o melhor terreno da arte, já que em um edifício podem estar reunidos aspectos de todas as manifestações artísticas. Victor Hugo comparou os edifícios aos livros, pois até o século 15 foi o registro principal da humanidade”.

Angela, que sempre atuou na área da produção cultural para crianças e jovens, enfrentou o desafio de adaptar para as crianças a obra escrita originalmente para adultos. “Colocar-me nessa posição de intermediário entre tão grande autor e o leitor é uma enorme responsabilidade”, diz.

O romance de tramas complicadas e de longas descrições da cidade e da arquitetura medieval ganhou uma versão focada em questões mais compreensíveis para a faixa etária da Coleção. “Procurei focar a adaptação nas questões não menos importantes que dizem respeito a sentimentos profundos, mui-

tas vezes ambivalentes, e no preconceito que é tema tão atual”, afirma Angela.

O livro foi ilustrado por Adilson Farias, que gosta de desenhar monstros. “Procuro sempre colocar nos traços desses personagens características que lembrem a amizade, a tolerância e a compreensão”, ele afirma.

CAOLHO E MANCO

A história se passa em Paris, no ano de 1482. Quasimodo é um rapaz caolho, corcunda e manco, responsável por badalar os sinos da Cathedral de Notre Dame, onde vive com o padre Claude Frollo.

Quasimodo pouco saía da cathedral porque era maltratado pelas pessoas que se assustavam com a sua feiura. No dia da Festa dos Bufos, ele sai de seu esconderijo, conhece a cigana Esmeralda e por ela se encanta.

A moça alta, de cabelos negros e olhos brilhantes atrai a atenção de outros homens da cidade: a do capitão Phoebus de Châteaupers e do próprio padre Claude Frollo. Na tentativa de conseguir Esmeralda, os três criam situações que terminam por condená-la.

Apesar de ser uma história de injustiças e preconceitos, sem final feliz, “O Corcunda de Notre Dame” retrata diferentes formas de amor, como conta Angela. “Gosto do que envolve as diferentes formas de amar. O amor de Esmeralda é ingênuo, nada vê. O amor de Frollo é possessivo, não admite recusa e leva à loucura. Phoebus não ama. O poeta ama a beleza e Quasimodo ama por gratidão”.